

38º Encontro Anual da Anpocs

GT36 Sociologia da adolescência e da juventude.

Perspectivas e Desafios dos Jovens Oriundos do Meio Rural e Estudantes do IFNMG - *Campus Salinas*.

**Giuliana de Sá Ferreira Barros¹, Fabiano Rosa de Magalhães²,
Christielly Durães Cardoso³, Fred Victor de
Oliveira⁴, Ricardo Santos Pereira da Rocha⁵.**

¹ Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica – UnB – Licenciada em Pedagogia (Unimontes). Professora de Fundamentos da Educação do IFNMG – *Campus Salinas*. E-mail: giuliana.sa@ifnmg.edu.br

² Mestre em Ciências Sociais – PUC-MG – Licenciado em Ciências Sociais e Geografia (UFMG). Professor de Sociologia do IFNMG- *Campus Salinas*. E-mail: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br

³ Estudante de Ensino Médio / Técnico em Agroindústria – IFNMG – Campus Salinas. Bolsista PIBIC-EM) – IFNMG/CNPq. E-mail: chrisduraes.cd@gmail.com.

⁴ Estudante de Ensino Médio/Técnico em Agropecuária – IFNMG- *Campus Salinas*. Bolsista PIBIC-JR/IFNMG/FAPEMIG-2014. E-mail: fred.viktor@hotmail.com

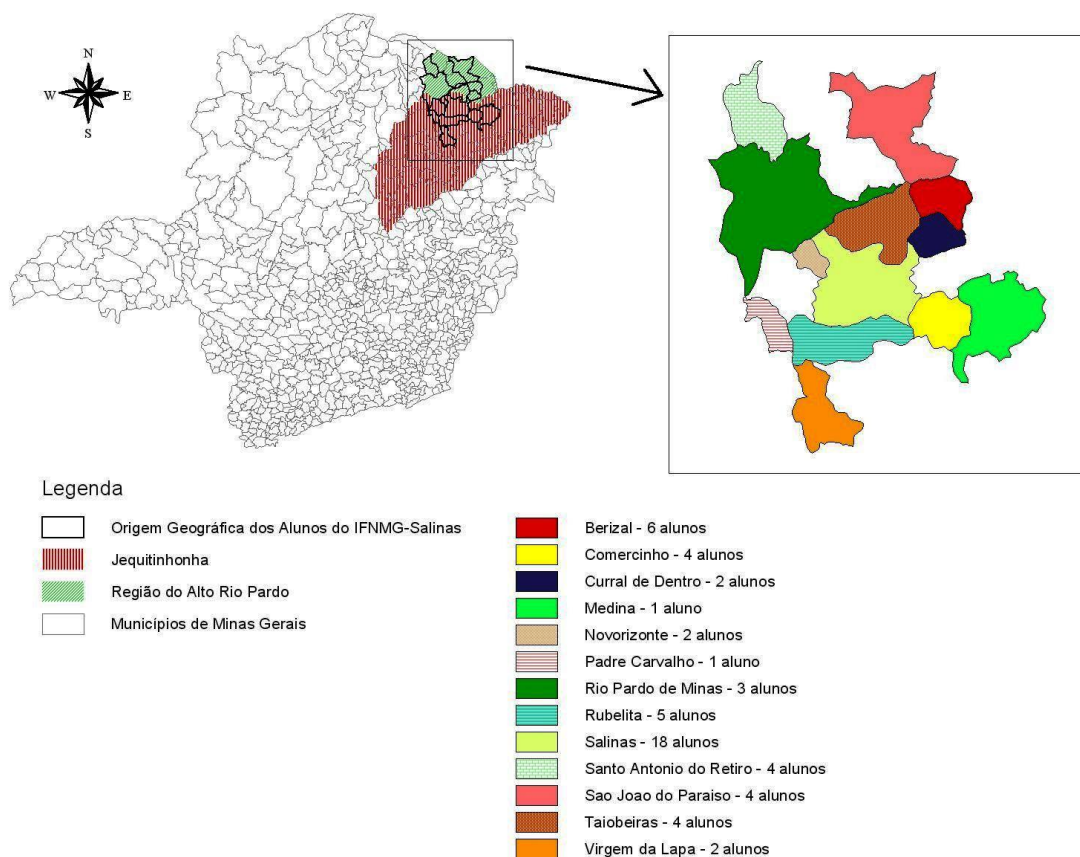
⁵ Estudante de Ensino Técnico em Agroindústria – IFNMG- *Campus Salinas*. Bolsista PIBIC-EM – IFNMG/CNPq. E-mail: ricardo.rcd2013@hotmail.com

PERSPECTIVAS E DESAFIOS DOS JOVENS ORIUNDOS DO MEIO RURAL E ESTUDANTES DO IFNMG - CAMPUS SALINAS.

1 INTRODUÇÃO

Primeira semana de aulas. Os alunos do Ensino Médio Integrado chegam ao IFNMG – Campus Salinas, provindo das mais diversas cidades do Norte de Minas (Mapa 1). Adolescentes de ambos os sexos se apresentam para a primeira semana de aulas. Para os alunos do Internato a semana de adaptação ainda precede esse momento do início das aulas. É um momento de apreensão, tanto por parte dos pais e também por parte dos jovens estudantes.

Mapa 1 – Origem geográfica dos alunos rurais do IFNMG-Salinas.



Fonte: Base Cartográfica IBGE (2010). Elaboração: Ronaldo Medeiros.

Rostos tímidos, por vezes assustados. Alguns dos alunos do internato nunca saíram de casa por mais de um dia. Agora terão de viver no Internato com outros adolescentes, alguns da mesma idade; outros mais velhos. Também os alunos do regime

de semi-internato e externato passam por momentos de expectativas e apreensão, já que muitas vezes iniciam suas trajetórias de vida numa cidade diferente, na maioria das vezes estabelecendo-se nas repúblicas estudantis que existem na cidade de Salinas.

Muitas histórias já devem ter sido ouvidas sobre a recepção aos calouros. O temor do trote ainda persiste. O trote, conta-se, era uma tradição seguida religiosamente pelos alunos, sempre os mais antigos, aplicando aos novatos. Essa apreensão com relação aos trotes é perceptível nas conversas corriqueiras que se estabelece entre os alunos.

Eis o ambiente oportuno para diversas investigações sociológicas envolvendo a juventude. Mas um deles, dadas as próprias condições do *Campus* Salinas do Instituto Federal Norte de Minas⁶ enquanto instituição ofertante de cursos técnicos ligados ao campo, chama a nossa atenção. Trata-se da juventude que vem da zona rural e busca os cursos técnicos oferecidos pela instituição. Sob o ponto de vista das instituições da educação, o *Campus* não tem a primazia de congregar jovens urbanos e rurais num mesmo ambiente. O diferencial dos Institutos Federais reside na oferta de uma educação em tempo integral. Para o jovem rural, a permanência em tempo integral no espaço da instituição representa mais do que apenas a relação aluno-professor. Estão associadas também questões relativas à apropriação de espaços do próprio ambiente escolar, além da inserção no ambiente urbano circundante. Assim, a escola passa a ser um importante momento para a guinada na trajetória social na vida dos jovens. Interessa-nos analisar mais de perto como se estabelecem as relações sociais dos alunos provenientes da zona rural.

Não obstante, note-se que a temática é bastante cara aos Institutos Federais, sobretudo aqueles que ofertam cursos técnicos voltados às atividades rurais. É o caso de alguns *campi* do Instituto Federal Norte de Minas, dentre os quais situamos o *Campus* Salinas. Nesse, a formação técnica volta-se para as ciências do campo, no intuito de preparar os jovens estudantes para a lida rural. Para tanto, dois dos três cursos de Ensino Médio Integrado, estão vinculados a esta área, mais precisamente os cursos Técnico em Agroindústria e Técnico em Agropecuária. Sob essa égide, o *Campus* vem atraindo jovens para tal formação desde 1953, quando então se denominava Escola de Iniciação Agrícola de Salinas, posteriormente passando a se constituir a Escola Agrotécnica de

⁶ Doravante também passaremos a utilizar a expressão IF (Instituto Federal) para nos referirmos ao Instituto Federal Norte de Minas – *Campus* Salinas.

Salinas, e, por fim, IFNMG – *Campus* Salinas. Sendo assim, torna-se legítimo dizer que tal escola tornou-se uma tradição no que diz respeito à formação de técnicos no manejo agrícola.

O *Campus* atrai estudantes de diversas cidades da sua área de abrangência⁷. Para dar condições aos estudantes oriundos destas cidades, ou mesmo da zona rural, a instituição oferece em torno de 120 vagas para o regime de internato⁸ para alunos do sexo masculino. Para as mulheres, disponibiliza-se auxílio financeiro sob a modalidade de assistência estudantil. Para muitos alunos, a oportunidade de estudar no IFNMG – *Campus* Salinas, só seria possível através do internato ou da assistência estudantil, logo ela possui um papel importante no processo de inclusão de alunos das mais diversas regiões.

É precisamente esse o universo que nos interessa, ou seja, os estudantes oriundos da zona rural e que se encontram no IF, seja sob regime de internato, semi-internato ou externato. O que nos motiva ir a campo para realizar nossas análises é a necessidade de compreender o universo de inquietações e perspectivas trazidas por estes alunos e como os mesmos vão sendo reelaborados a partir da interação com o modo de vida da cidade.

Movidos por algumas indagações, gostaríamos de compreender o imaginário do jovem rural, buscando perceber como o mesmo, evidentemente povoado por suas perspectivas iniciais, vai se refazendo a partir do contato, seja do mundo urbano, representado pelos colegas oriundos da zona urbana, bem com a própria inserção no âmbito da cidade, com suas especificidades e as relações de consumo, além da própria dimensão institucional da instituição, que, em si já representa, com sua linguagem e técnicas, um universo cultural mais associado à vida urbana.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Os Institutos Federais

⁷ As 24 cidades que integram a área de abrangência do *Campus* Salinas são: Águas Vermelhas, Berizal, Botumirim, Cachoeira do Pajeú, Cristália, Cural de Dentro, Divisa Alegre, Fruta de Leite, Grão Mogol, Indaiabira, Itacambira, Josenópolis, Montezuma, Ninheira, Novorizonte, Padre Carvalho, Rio Pardo de Minas, Rubelita, Salinas, Santa Cruz de Salinas, Santo Antônio do Retiro, São João do Paraíso, Taiobeiras e Vargem Grande do Rio Pardo.

⁸ Os alunos internos provenientes da zona rural correspondem a cerca de 22% do total de alunos em regime de internato. Aproximadamente 45% dos alunos da zona rural estão vinculados ao *Campus* sob o regime de internato.

Os Institutos Federais tem sua origem nas Escolas de Aprendizes Artífices criadas com o decreto lei nº 7.566 de 23 de setembro de 1909 sancionado pelo presidente Nilo Peçanha, que instituiu as primeiras escolas para o ensino profissional primário e gratuito no Brasil. Estas instituições eram vinculadas ao Ministério da Agricultura Indústria e Comércio e tinham como objetivos difundir o ensino das artes e dos ofícios pelo país, atendendo, conseqüentemente, ao momento de crescimento econômico e desenvolvimento industrial que atravessava o país naquele período histórico. A partir deste decreto surgiram dezenove escolas de perfil assistencialista em relação à classe trabalhadora que visavam:

Não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime (BRASIL, 1909).

Objetivando propagar valores republicanos e formar “cidadãos úteis à nação” o governo implantou essas instituições para que assim pudessem atender ao mercado produtivo, que naquele período, início do século XX, reflete o início do desenvolvimento da indústria e a necessidade de mão de obra qualificada e força a profissionalização da mão de obra no país, formando profissionais das camadas menos favorecidas da população. Nascia assim a educação profissional no Brasil. Santos (2004) explica que no início do século XX o capital industrial brasileiro começava a crescer. Esse crescimento exigia qualificação de mão-de-obra e foi necessário buscar essa força nos imigrantes europeus. Entretanto é importante ressaltar que as imigrações não foram suficientes e, por este fato, intensificaram as pressões pela profissionalização da força nacional.

Pode-se constatar que a educação profissional foi desenhada naquele período para atender aquele sujeito que se encontrava fora dos padrões sócio econômico imposto. Lima (2011) explica que o objetivo inicial era atender a classe dominante, oferecendo um modelo de educação de caráter utilitarista para a classe dominada. Figurava, portanto, menos como um programa propriamente educacional, e mais como um plano assistencial aos “necessitados da misericórdia pública” (NAGLE, 2001, p. 213). Ainda com essa característica assistencial, o ensino nessas escolas era ministrado por normalistas e por mestres que eram oriundos das fábricas, e que não possuíam o conhecimento teórico e pedagógico necessário, o que reafirma o perfil essencialmente prático da instituição.

Nos dias atuais observamos a partir da Lei 9394/96, que trata das diretrizes e bases da educação nacional, ressalta que a educação profissional será integrada aos

diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia, redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008. Os artigos 40 e 41 da LDB dizem que educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, e que o conhecimento adquirido nesta modalidade e no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Nesta perspectiva, e em um processo de franco desenvolvimento foi aprovada a lei 11.892/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no país criando os 38 Institutos Federais que nasceram resultado da transformação de alguns CEFET's, de algumas escolas técnicas federais e da junção de escolas agrotécnicas. Segundo dados do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC – existiam no país 36 Escolas Agrotécnicas, 33 CEFET's com suas 58 Unidades de Ensino Descentralizadas (UNEDs), 32 Escolas Vinculadas, uma Universidade Tecnológica Federal e uma Escola Técnica Federal.

Pacheco (2010) explica que a estrutura multicampi e a clara definição do território de abrangência dos Institutos Federais reafirma o compromisso dessas instituições no sentido de promover uma intervenção em suas respectivas regiões, identificando problemas e buscando alternativas técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social. O diálogo entre instituto e região acontecerá por meio de mecanismos democráticos de escuta, como audiências públicas, fóruns dentre outros.

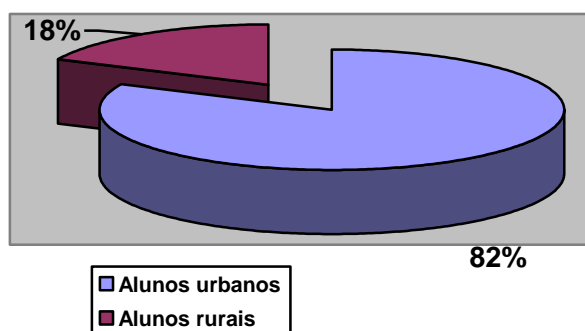
Neste contexto insere-se no campo da pesquisa, o *Campus* Salinas do IFNMG, localizado no Norte de Minas Gerais e o Vale do Jequitinhonha. Ele, juntamente com o ex-CEFET Januária – hoje *Campus* Januária – IFNMG – constituíram os primeiros *campi* do Instituto Federal Norte de Minas.

Criado originalmente como Escola de Iniciação Agrícola de Salinas, no dia 02 de setembro de 1953. Neste mais de meio século de existência a escola recebeu várias denominações e atualmente se transformou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas. Organizado como uma autarquia, o IFNMG foi instituído pela lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, e é hoje formado pelos Campi Arinos, Araçuaí, Januária, Montes Claros, Pirapora, Salinas, Teófilo Otoni e por um Campus Avançado na cidade de Janaúba.

2.2 A área de abrangência do IFNMG - *Campus Salinas*.

O IF atrai estudantes de diversas cidades da sua área de abrangência, composta por 24 cidades. No primeiro semestre de 2014 a instituição contava com 322 alunos de Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, distribuídos entre as três séries e contemplando os cursos técnicos de Agroindústria, Agropecuária e Informática. Deste quantitativo, 264 alunos correspondiam aos jovens estudantes do meio urbano, enquanto 58 eram do meio rural (Gráfico 1)⁹.

Gráfico 1: Composição do Ensino Técnico – alunos frequentes 1º semestre de 2014. Por origem. IFNMG –*Campus Salinas*.



Fonte: elaboração própria. Dados da pesquisa.

Para dar condições aos estudantes oriundos de outros municípios, ou mesmo da zona rural, a instituição oferece em torno de 120 vagas de internato para alunos do sexo masculino. Para as mulheres, disponibiliza-se auxílio financeiro sob a modalidade de assistência estudantil. Para muitos alunos, a oportunidade de estudar no IF, só seria possível através do internato ou da assistência estudantil. Logo ela possui o papel de inclusão de alunos das mais diversas regiões. Dentre o conjunto de alunos rurais, parte considerável está vinculada ao IF sob o regime de internato (cerca de 45%), enquanto outra grande parcela (cerca de 38%) está em regime de semi-internato e os 17% restantes em regime de externato.

Esta é uma informação importante para efeito de nossa pesquisa. Cada um dos regimes existentes no Instituto abre caminho para graus de apropriação maior ou menor com relação à cultura urbana na qual se insere a instituição. A própria participação na vida da cidade é diferenciada a partir da inserção dos jovens estudantes.

⁹ Informações coletadas junto à Secretaria do Campus, em 30 de junho de 2014. O quantitativo de alunos do meio rural foi obtido através de um levantamento com todos os alunos do Ensino Médio. O questionário estruturado foi aplicado a todos os alunos da zona rural.

Outro aspecto que merece ser mencionado com respeito à área de abrangência do *Campus* é que tal área congrega ainda uma proporção considerável de jovens no meio rural. A rigor a própria região ainda é marcada por uma forte presença de uma população rural. A média da população rural na área de abrangência do *Campus* Salinas está em torno de 45%, com alguns municípios como Santo Antônio do Retiro e Itacambira ultrapassando a casa dos 75% de população rural. Isto destoa e muito da média brasileira (16%) e do próprio estado de Minas Gerais, cuja média é 15% da população total¹⁰.

Tais informações corroboram o foco de atuação institucional do *Campus* com relação aos cursos de formação de profissionais ligado à terra. Tal foco torna-se mais justificado, quando analisamos a proporção de jovens entre 14 a 19 anos, ou seja, precisamente o público-alvo contemplado pelo Ensino Médio. Conforme dados do Censo de 2010, cerca de 13% da população rural da região é constituída por jovens. Em números absolutos esta população está na casa de 15 mil jovens.

Os dados são relevantes e precisariam inclusive ser objeto de análise por parte da instituição, sobretudo porque a proporção de jovens rurais no *Campus* é muito ínfima, dada a dimensão rural apresentada pela região.

Um dos problemas que toma forma bastante preocupante envolvendo o tema da agricultura familiar diz respeito à chamada sucessão rural, ou mais precisamente, a perspectiva de continuação das atividades rurais pelas gerações mais novas. Questões como a migração sazonal e mesmo o êxodo rural têm indicado a grande quantidade de jovens que têm se apoiado em novas perspectivas diferentes daquelas representadas pela produção agrícola.

Isso tem importância significativa para os Institutos Federais, sobretudo aqueles que lidam com tecnologias ligadas à terra. É o caso de alguns *campi* do Instituto Federal Norte de Minas, dentre os quais situamos o *Campus* Salinas. Neste a formação técnica volta-se para as ciências do campo, buscando formar os jovens estudantes para a lida rural. Por ora o *Campus* conta com três cursos de Ensino Médio Integrado, dos quais dois - mais precisamente Técnico em Agroindústria e Técnico em Agropecuária - voltam-se para o eixo agrário.

É precisamente este o universo que nos interessa, ou seja, os estudantes oriundos da zona rural e que se encontram no IF, seja sob regime de internato, semi-internato ou

¹⁰ Com base nas informações do Censo de 2010 (IBGE).

externato. O que nos motiva ir a campo para realizar nossas análises é necessidade de compreender o universo de inquietações e perspectivas trazidas por estes alunos e como os mesmos vão sendo reelaborados a partir da interação com o modo de vida urbano. Movidos por algumas indagações, buscamos traçar o imaginário do jovem proveniente do meio rural, buscando perceber como esse imaginário, evidentemente povoado por suas perspectivas iniciais, vai se refazendo a partir do contato, seja do mundo urbano, representado pelos colegas oriundos da zona urbana, bem com a própria inserção no âmbito da cidade, com suas especificidades.

2.3 Juventude e juventude rural: Outros olhares.

A rigor, a juventude foi vista desde muito tempo, como uma fase de transição para a vida adulta, assim constituindo mais uma promessa de futuro do que um momento significativo por si. Castro 2008 nos explica que a juventude apresenta uma transitoriedade e esta é uma “marca” recorrente nas definições e percepções sobre juventude nos mais diferentes cenários e contextos. Nesta perspectiva entendemos que a juventude, apesar de estar destinada a ser subordinada nas relações sociais, contraditoriamente, ao jovem é associado a futuro e à transformação social. (CASTRO, 2008, p 322).

Tal característica, conforme sugere a autora, associa-se, muitas vezes, à ideia de inexperiência, sensibilidade ou como um “problema social”, marcando-se pela associação com comportamentos desviantes ou inconseqüentes. Por suposto, a juventude deveria ser relegada a uma condição subalterna nas relações sociais, remetendo à ideia de incompletude ou de segmento em formação, não pronto ainda.

Essa visão homogeneizante da juventude conduz a considerações errôneas sobre o que é ser jovem. Trata-se de uma constante na percepção dos professores em relação aos alunos, conforme destaca Dayrell (1996)

(...) os alunos são vistos de forma homogênea, com os mesmos interesses e necessidades, quais sejam, o de aprender conteúdos para fazer provas e passar de ano. Cabe, assim, ao professor ensinar, transmitir esses conteúdos, materializando o seu papel. O professor parece não perceber, ou não levar em conta, a trama de relações e sentidos existentes na sala de aula. O seu olhar percebe os alunos apenas enquanto seres de cognição, e, mesmo assim, de forma equivocada: sua maior ou menor capacidade de aprender conteúdos e comportamentos; sua maior ou menor disciplina.

Na contramão destas caracterizações, a partir dos anos de 1990/2000 os estudos sobre juventude passaram a dar uma conotação mais positiva à juventude. A primeira constatação dos estudos sobre juventude foi o de que não existe *juventude*, mas sim *juventudes*, marcadas pelas questões de gênero, classe, etnia, dentre outros aspectos. Assim, passa-se à ideia de juventude enquanto campo temático específico da sociologia.

É com esta percepção da juventude com suas características de heterogeneidade que Castro (2009, p. 45) nos apresenta uma nova definição de juventude:

Podemos entender a juventude como aqueles que vivem o mesmo processo histórico e cultural, que possuem certa identidade decorrente do lugar que ocupam na sociedade, mas vivenciam a juventude de forma diferenciada, pois as variáveis de gênero, etnicidade, religião, classe, responsabilidades, expectativas fazem parte da definição de quem é visto ou considerado jovem.

A partir de tal percepção, os jovens passam a ser vistos como capazes de construir sua própria cultura, com suas formas típicas de expressão, marcadas por estilos e sociabilidade bem peculiares (DAYRELL 1999 e 2007). Os espaços da realização destas culturas juvenis seriam os interstícios da vida institucional, marcados pelos espaços de lazer e os próprios espaços da escola, que são territorializados, ou seja, redefinidos a partir dos olhares dos jovens. Quanto a esta dimensão do espaço, Dayrell (DAYRELL; REIS, 2006, p.6)

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são condicionadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido. São o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de serem a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados.

De fato, essa construção simbólica com relação ao *lugar*, torna-se um elemento considerável com relação às escolas de tempo integral e com internatos, como é o caso de alguns Institutos Federais. Tais condições fazem da escola um espaço privilegiado para a tessitura de uma rede de relações sociais, envolvendo conflitos, namoros, jogos e brincadeiras.

2.4 Juventude rural ou jovem rural?

Sabendo-se que os estudos sobre juventude aproximaram-se na sua grande

maioria sobre os aspectos relacionados à sua relação com o espaço da cidade – e até das metrópoles, quando se aborda, por exemplo, a questão das tribos urbanas – seria possível utilizar estas definições também para a juventude rural? Castro (2009) responde afirmativamente a esta questão. Para ela a juventude rural também pode ser analisada sob esse ponto das elaborações sobre juventude, dos estudos recentes, guardando-se as devidas particularidades. Então,

[...] Uma das definições sobre os jovens rurais vigente é como aqueles que vivem o momento do ciclo de vida caracterizado pela transição entre infância e idade adulta, no mesmo contexto histórico de outros jovens, mas que possuem a especificidade de terem o meio rural como seu espaço de vida, como marca de sua situação juvenil, embora transitem por espaços urbanos.

Conforme apontamos, hoje tem se trabalhado com a categoria de culturas juvenis. Mas distingue juventude rural do jovem rural? Eventualmente podemos verificar a utilização mais comum quanto ao termo juventude rural. Não obstante, vale esclarecer que na literatura, o termo vem sendo empregado geralmente para se referir a uma coletividade, substantivada ou objetivada através das usuais terminologias de juventude revolucionária, juventude problemática ou desviada, juventude como sinônimo de mudança (CASTRO, 2008). Logicamente estas adjetivações são construções arbitrárias e idealizadas sobre a juventude (BOURDIEU, 1983). O outro termo associado à temática seria o de jovem. Essa acepção já não é tão idealizada, mas que remete a uma faixa etária, também arbitrária e questionável, já que tende a reforçar estereótipos.

Quanto aos termos juventude rural e jovem rural, podemos dizer que o primeiro vem sendo empregado deliberadamente por alguns autores como forma de remeter a alguma forma de organização específica. É assim que define Castro (2008, p. 320)

Juventude rural é hoje uma categoria acionada para organizar aqueles que assim se identificam nos movimentos sociais no campo. Em alguns casos essa organização como setor ainda está em discussão; em outros, já está formalizada, como no caso da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).

O primeiro aspecto é dado pela particularidade do meio rural, como elemento em que as interações sociais se estabelecem. No meio rural a noção de espaço e tempo é distinta. Assim, a socialização do menino ou menina na roça passa a ser também marcada

pelo contato amplo com o mundo físico. A dimensão de espaço é mais panorâmica.

A referência dos jovens quanto à natureza, ou à percepção da natureza é um traço recorrente na percepção dos estudantes. Os levantamentos apontam que o meio rural é visto como o lugar de descanso, de tranquilidade, remetendo à noção de paz e calma, em oposição à vida agitada e caótica das cidades. Assim, boa parte dos entrevistados, afirma gostar da vida no campo, pois ali encontra um contato com a natureza, além de poder ainda desfrutar das relações duradouras e sinceras de vizinhança e amizade.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem da Pesquisa

Para o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa foi realizada uma análise bibliográfica direcionada por uma postura metodológica sustentada em uma concepção quantitativo qualitativa, materializada por meio de um estudo teórico conceitual e analítico acerca dos dados encontrados sobre os alunos oriundos do meio rural do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais *Campus* Salinas no ano de 2014. A natureza do estudo se justificou pela necessidade de levantar dados quantitativos, ao mesmo tempo, que se buscou desenvolver análises qualitativas do objeto estudado.

Tendo em vista a natureza da investigação, esta possui características metodológicas de um estudo de abordagem qualitativa, o qual trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, valores e crenças que os indivíduos possuem sobre determinado fenômeno (MINAYO, 2000) e quantitativa, caracterizada, por Dalfovo, Lana, Silveira (2008), como tudo que pode ser avaliado por meio de números, classificados e analisados, utilizando-se de técnicas estatísticas.

O que se procurou analisar através dos questionários e entrevistas foram os sentidos simbólicos e materiais da transição entre o rural e o urbano. Na verdade, antes de considerarmos a existência de uma transição propriamente dita, buscamos compreender se ela existia efetivamente.

Para captar essa passagem, a pesquisa vale-se dos seguintes recursos metodológicos:

3.2 Sujeitos Investigados

Os sujeitos que participaram do processo foram os 58 alunos provenientes da zona rural e estudantes do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, distribuídos entre as três séries e contemplando os cursos técnicos de Agroindústria, Agropecuária e Informática. Foram prestadas informações sobre os objetivos da pesquisa e a metodologia a ser empregada, verificando a disponibilidade dos mesmos em participar do estudo. Ao solicitar o consentimento dos mesmos, foi informado sobre o sigilo a respeito dos dados e informações.

3.3 Procedimentos da Pesquisa

Este trabalho constou de uma pesquisa empírica de levantamento de dados por meio de questionários. De acordo Gil (2008, p. 121) questionário é um método de investigação constituído por um grupo de questionamentos a pessoas com intuito de adquirir informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, anseios, temores, comportamento presente ou passado.

Com o objetivo de captar as subjetividades presentes neste processo, foi utilizado o Grupo Focal com seis alunos pertencentes ao universo pesquisado, combinando-se as seguintes variáveis: sexo, cursos, condição no IF (Internato, semi-internato e externato) e séries.

Vejam a composição do grupo focal, conforme tabela 1:

Tabela 1: Grupo focal – Alunos rurais do IFNMG – Campus Salinas.

NOME ¹¹	SEXO	SÉRIE	CONDIÇÃO	CURSO
Aluno 1	F	2º	Semi-internato	Técnico em Agroindústria
Aluno 2	F	1º	Externato	Técnico em Agroindústria
Aluno 3	M	3º	Externato	Técnico em Informática
Aluno 6	F	2º	Semi-internato	Técnico em Informática
Aluno 4	M	1º	Internato	Técnico em Agropecuária
Aluno 5	M	3º	Internato	Técnico em Agropecuária

Um aspecto interessante do grupo focal de acordo Barbour (2009) é que através deste é possível promover *insights* do processo, em vez de meros resultados favorecendo

¹¹ Para garantir o anonimato dos entrevistados, passaremos a utilizar a denominação “Aluno” seguido de um número de 01 a 06.

a oportunidade de gerar dados por meio da construção ativa do significado. Dados estes, que ainda conforme Babour podem trazer surpresas.

Ainda na perspectiva da busca pela fidelidade das informações foi solicitado aos alunos que estes construíssem um memorial. Esses memoriais foram aplicados em outros anos, para os alunos da segunda série do Ensino Médio. Destacamos algumas considerações que os alunos fizeram a propósito da vida no campo, além da própria chegada ao IFNMG, bem como a trajetória de vida da partir das relações estabelecidas com os colegas e também com a própria cidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se observar com os dados levantados pela pesquisa que os cursos relacionados ao meio rural são os mais preferidos pelos jovens rurais. Assim, 69% dos destes alunos fazem estão matriculados nos cursos de Agroindústria e Agropecuária. O curso de Informática (31%) não deve ser desconsiderado, já que, se comparado curso a curso de Agropecuária (29%). Note-se que este curso estaria mais diretamente associado à agropecuária. Já o curso de Agroindústria situa-se numa interseção entre aquilo que o próprio nome diz: indústria e agropecuária. Essas opções (Informática e Agroindústria) que tangenciam de alguma forma as profissões urbanas podem indicar um interesse dos alunos em se voltar profissionalmente para o cenário urbano.

Outro fato significativo e que também merece ser destacado é que os jovens rurais têm demonstrado frequentemente a sua necessidade de estar relacionado às novidades tecnológicas e as atualidades trazidas pelas redes sociais. Alguns alunos mencionam como problemas associados ao meio rural, exatamente a dificuldade de comunicação, compreendendo aqui a telefonia celular e também a internet. Alguns estudantes mencionam ainda a própria utilização de TV e Internet no meio rural, o que já aponta para uma interpenetração cada vez maior do urbano no meio rural.

4.1 Os jovens rurais no IFNMG– *campus* Salinas. Interação entre o rural e urbano.

No caso do IF, a chegada dos alunos provenientes da zona rural no internato é marcada por uma enorme apreensão. Nota-se nos olhares. Muitos chegam a conhecer Salinas somente através do Instituto, já que pela primeira vez vêm a uma cidade.

Viver no internato não se apresenta como situação confortável, de início. As primeiras semanas são marcadas por uma sensação angustiante de desamparo, conforme pudemos perceber através da pesquisa. Longe de casa e na presença de colegas estranhos, muitos dos quais de outras localidades, inicialmente, o ambiente é hostil. Pesam ainda os boatos sobre trotes, ou mesmo os trotes que são aplicados todos os anos.

De toda sorte, a questão que nos prende aqui é a miríade de possibilidades que se abre para estes estudantes recém chegados. Para o jovem rural, a inserção no ambiente urbano significa também uma incorporação de linguagens, gestos e até estilos.

Entendemos que o próprio IF pode impulsionar este jovem do meio rural para experiências relacionadas ao mundo urbano. As matérias lecionadas, os conteúdos, as relações institucionais, além das relações informais (brincadeiras, trotes) reforçam os valores e linguagem próprias desta cultura. Assim, diversos alunos passam a escolher as profissões relacionadas a ele.

Um autor já mencionado que nos auxilia a compreender este tema é Mannheim (1967), com seu conceito de *constelação*, aplicado no sentido da combinação de diversos acontecimentos sociais em determinado momento da história. Essa ideia é bastante fértil para entendermos que a miríade de eventos que marca a existência de cada indivíduo é que explica as diferentes personalidades. A questão tem sua relevância e neste aspecto entendemos que para o estudante proveniente do meio rural, ingressar no IFNMG constitui, para muitos alunos, um dos momentos cruciais em suas vidas, lembrando-nos novamente de Velho (2003). O projeto altera-se, potencializando o surgimento de outras combinações ou mesmo o abandono dos primeiros projetos.

Há aspectos positivos e negativos desta situação. Positivos são os aspectos ligados à construção da autonomia, fato notoriamente apresentado pelos alunos e ex-alunos. O Instituto Federal representa, para muitos, uma oportunidade de conhecer lugares e pessoas, hábitos e atitudes que não estavam circunscritas na sociabilidade relacionada ao mundo rural.

Não obstante, não há como deixar de considerar os aspectos negativos. Um deles, talvez o mais impactante, diz respeito ao problema da sucessão rural, ou seja, muitos estudantes não retornam às atividades rurais, ou o que é pior, muitos não retornam às suas comunidades de origem para atuarem como técnicos cuja formação obtiveram durante a estadia na instituição.

A complexificação das sociedades modernas impõe adaptações constantes dos

indivíduos. Cada domínio da nova realidade passa a se constituir aquilo que Velho (2003) denominou de “campo de possibilidades”, indicando que os projetos individuais interagem com aspectos relacionados à dimensão sociocultural. Conforme Velho (2003, p. 38), “os projetos individuais sempre interagem com outro dentro de um *campo de possibilidades*”. Este conceito aproxima-se, por sua vez, daquilo que Mannheim (1967) denominara de “constelação”, anteriormente mencionado. Em ambos os casos, quanto mais complexas são as cadeias de eventos sociais (as experiências), tanto mais complexos ou cambiantes podem se tornar os projetos individuais.

A chegada do aluno proveniente da zona rural ao IF constitui um momento significativo na constituição da biografia e trajetórias individuais dos alunos em questão. Mas a elaboração desta biografia cruza-se com os eventos histórico-sociais.

A própria constituição das identidades dentro de um contexto de um mundo globalizado sofre constantes alterações. Isso explica a situação cambiante com relação aos projetos individuais. Se antes o indivíduo tinha um projeto de vida mais estável, muitas vezes valendo para a vida toda, tendo uma trilha mais ou menos definida a seguir, hoje os caminhos ou cruzamentos que se apresentam são diversos. Conforme Mafesoli (1987), se antes era possível falar de identidade, como uma característica mais ou menos estável para os processos de sociabilização dos indivíduos, hoje essa noção perde um pouco o seu sentido, já que temos uma fluidez com relação à vinculação dos indivíduos a um determinado modo de ser. Para ele é o termo mais adequado seria o de identificação, caracterizando essa noção de permanente transitoriedade que marca nossas sociedades. Isso é verificado no espaço do IF, na situação do chamado ecletismo.

Velho (2003) remete à condição dos indivíduos no contexto das sociedades contemporâneas.

(...) de um modo inédito, [os indivíduos] estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. [...]. A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas. O trânsito intenso e frequente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produzidos *de* e produzidos *por* escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna (VELHO, 2003, p. 39 e 44).

Vencidos os desafios iniciais de socialização e adaptação, o jovem rural segue

desenvolvendo sua rede de relações, interagindo com os colegas, professores, funcionários e o próprio ambiente do *Campus*, além do próprio ambiente urbano de Salinas, do qual participa em maior ou menor grau. Formam-se as afinidades e os jovens rurais acabam construindo e sendo aceitos em novos grupos. No *Campus* e mesmo em Salinas e região não se faz perceptível a manifestação de “tribos urbanas” como no caso dos grandes centros urbanos. O que existem são grupos de afinidades, mais ou menos coesos. O surgimento desses grupos pode ser observado no âmbito no *campus*, porquanto os próprios alunos se referem uns aos outros, seja afirmando o seu grupo ou estereotipando aos outros, notadamente a divisão por séries. Assim mencionamos os grupos dos *Two's* e *cabudos* (referência aos alunos do 2º ano); os *TA's* ou *TA Moral* (3º ano) e *Calouros, novatos* ou *PAM*¹² (1º ano). Há também a formação de outros grupos, tais como os “esportistas” ou *marombeiros* (que pratica musculação), os “*poca olho*” *CDF* (referência aos alunos que estudam muito), os “religiosos”, dentre outros.

4.2 O perfil sócio-econômico dos alunos da zona rural.

Pode se perceber como a vinda dos jovens do meio rural para o meio urbano está diretamente relacionada à busca por melhores condições de vida.. A expectativa individual e familiar é de que os filhos melhorem superem as condições de vida da geração passada, conseguindo galgar um lugar na estrutura social. Os indicadores sociais nos ajudam a compreender as dimensões associadas às condições de vida, e, por conseguinte, conduz a uma aproximação sobre as expectativas e projetos de vida.

Segundo dados da pesquisa, mais da metade dos alunos rurais (52%) possuem uma renda familiar total entre 1 e 3 salários mínimos, enquanto outra grande parcela (38%) sobrevive com até um salário mínimo. A busca por estudo e qualificação no meio urbano representa não só uma emancipação da autonomia do jovem rural, mas também uma emancipação econômica.

Observa-se então que a vinda do jovem rural para a cidade é objetivada em sua qualificação e na procura por oportunidades profissionais futuras. Para mais da metade

¹² TA, de Terceiro Ano. PAM (Primeiro Ano Moral). ¹² A expressão “Moral” é bastante utilizada entre os alunos para marcarem cada o pertencimento a uma das três séries do IF. Caberia um estudo para captar a origem destas expressões e o contexto de seu surgimento, que certamente estaria associada à perspectiva educacional no contexto da Ditadura Militar de 1964. Não apresentamos tal análise, já que foge ao nosso objetivo. Não obstante, cabe lembrar que tal expressão é comumente associada ao contexto militar, e tem a ver com uma disposição ativa de espírito.

dos jovens pesquisados (59%), estudar no Instituto representa a possibilidade de abrir futuras portas na carreira profissional ou acadêmica. Trata-se de um aspecto também importante e que pode diferenciar esses jovens em relação aos pais. Conforme aponta os dados da pesquisa, a escolaridade dos pais é assim distribuída: 7% das mães e 7% dos pais não sabem ler nem escrever. A proporção de analfabetos é maior entre os homens (9%), que também abandonaram o estudo mais cedo que as mulheres. Cerca de 60% dos pais não concluíram o ensino fundamental (60%), o que corresponde a quase o dobro da quantidade de mães (35%). A partir daí, podemos verificar que os indicadores são sempre favoráveis às mães. Quanto ao ensino médio, nota-se que 22% das mães puderam concluí-lo, contra 16% dos pais; já para o ensino superior, a quantidade de mães graduadas (12%) é quatro vezes maior que a quantidade de pais (3%). Assim, diante dos dados, nota-se que a inserção do jovem numa escola técnica, representa, na média, uma ruptura com a trajetória escolar dos pais.

4.3 Preconceito

Por ocasião da aplicação do questionário, passamos nas salas de aula para fazer o levantamento prévio da quantidade de alunos rurais por sala. Embora a situação vivenciada não esteja diretamente relacionada com a aplicação dos mesmos, chamou-nos a atenção a acolhida inicial. De imediato notamos que alguns alunos se sentiam constrangidos ao afirmarem a sua vinculação com a zona rural. Percebemos que estes levantavam o dedo de forma muito tímida, como se estivessem escondendo tal situação.

Outro fato que merece ser relatado, diz respeito à forma como os alunos da cidade tratam os alunos da zona rural. Tal situação já marca a existência de formas camufladas de preconceito esses alunos. Em uma sala, um determinado aluno começou a rir quando os colegas levantaram o dedo para que pudéssemos fazer nosso registro. O termo “da roça”, em tom de piada, foi utilizado para se referirem aos alunos que, ao levantar o dedo, denunciavam sua condição. Diante do fato, passamos a perceber que muitos alunos simplesmente escondem o fato aos demais.

Embora a minoria dos jovens rurais que participaram da entrevista tenha considerado o preconceito como um problema (apenas 2%), é importante ressaltar que esse problema ainda existe e merece atenção. Durante décadas, a visão que se tem do indivíduo da zona rural é unicamente pejorativa, de alguém sem estudo, ingênuo e sem

conhecimento do mundo. Embora esse quadro tenha mudado dos últimos anos, parece que ainda é o que uma parte da população enxerga. Alguns jovens são indiferentes à esse preconceito, como um aluno deixa transparecer em entrevista, mas deixam transparecer a ideia de que é melhor ser associado à cidade do que à zona rural. É o que aparece na seguinte entrevista:

(...) tenho o maior orgulho de morar na roça, mas é tipo assim... igual... você chega pra mim em fala assim: “onde que você mora?” [e eu respondo] “ah... eu moro na fazenda tal, em tal lugar e tal” [e a outra pessoa pergunta novamente]: “e isso é na onde?” aí ele vai perguntando, perguntando... e aí você fala que mora em Taiobeiras... cabô o assunto... (Aluno 5. Informação verbal).

Outros, porém, já se incomodam com as ‘brincadeiras’ dos colegas, como outro aluno revela em entrevista

Tipo, eu tenho uns três amigos que mora lá, né? Que mora onde eu moro. Aí meus amigo fica zoando que lá só tem quatro famílias... (...) tirando [onda], sabe? Que lá só tem vaca e boi, não sei o que (...) (Aluno 3. Informação verbal).

4.4 Assumir ou não assumir a condição rural?

Verificamos, ao longo das abordagens, que alguns alunos buscam omitir a localidade da qual fazem parte, informando apenas o nome do município. Têm alguma vergonha de serem reconhecido como “da roça”, como deixou transparecer uma aluna.

Ah, quase ninguém aqui sabe que eu vinha da roça assim. Quase não converso com ninguém. Mas meus colegas brincam bastante quando a gente fala alguma coisa, faz alguma pergunta...[expressando o comentário dos colegas] “ah, só podia ser da roça”. Mas eu nem levo muito em consideração, porque eu sei que não[me] atinge, não afeta nada. (Aluna 2. Informação verbal)¹³

Outra aluna entrevistada também compartilha o sentimento, preferindo dizer o nome do município ao invés da comunidade rural em que reside.

Eu, assim... Os meus colegas (...) brincam bastante. Só que eu levo na brincadeira e tal. (...) No começo eu cheguei... Eu falava que eu era de Nova Aurora, né? Que é do município de Rio Pardo... Aí (...) todo mundo falava que não conhecia. Aí passei a falar que eu sou de Rio Pardo. Só que aí eles falavam assim: “Ave Maria! Ela fica negando a raça dela, de onde que ela é...(...) fala que é de Rio Pardo, sendo que

¹³ Todas as informações verbais foram obtidas através da entrevista com o grupo focal realizada com alunos dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFNMG – Campus Salinas, no dia 24 de julho de 2014.

ela é de Nova Aurora...”. Aí eles acabou conhecendo... aí eles não esquece mais da onde que eu sou. Aí eu falo Rio Pardo [e] eles ficam falando, agora ficam zoando comigo porque eu falo Rio Pardo (...). (Aluna 1. Informação verbal).

São aspectos que sem dúvida poderiam ser associados à caracterização de Bourdieu quanto ao *habitus* rural, ou seja, a capacidade ou disposição que os indivíduos têm para assimilar os papéis que são socialmente atribuídos a certas categorias. No caso do homem do campo, tem-se, geralmente, uma atribuição negativa feita pela cultura urbana, associando o camponês, muitas vezes à brutalidade ou rusticidade. Essa característica acaba sendo assimilada pelo camponês. A própria dimensão corporal passa a ser significativa, já que há uma apropriação ou negação de um padrão cultural urbano pelo camponês. Quanto ao corpo assim diz Bourdieu (2006, p.87)

Em tal situação, o camponês é levado a introjetar a imagem que os outros fazem dele, mesmo quando se trata de um mero estereótipo. Passa a perceber seu corpo como corpo cunhado pela impressão social, como corpo *empaysant*, rude, carregando o traço das atitudes e atividades associadas à vida camponesa. Em consequência, fica embaraçado em relação a seu corpo e em seu corpo. É por apreender seu corpo como corpo de camponês que tem dele uma consciência infeliz. É por apreender seu corpo como corpo rude que toma consciência de ser camponês rústico. Não é exagero presumir que a tomada de consciência de seu corpo é, para o camponês, a ocasião privilegiada da tomada de consciência da condição camponesa.

Essa apropriação envolve também uma recusa de ser reconhecido ao meio rural, cujas características simbólicas estariam sofrendo uma desvalorização social em relação ao meio urbano. Assim, como ocorre com a palavra juventude e velhice, também a ideia de “homem do campo” são categorias pré-construídas, isto é, partem de determinados segmentos da sociedade. No caso do “velho” e do “jovem”, essa caracterização parte do crivo do adulto; para o caso do camponês, a definição – geralmente negativa – parte da construção do homem urbano. Logo, conforme sugere Bourdieu (1983), estas noções geralmente carregam no sentido da falta, ou da incompletude. Assim, o jovem seria uma promessa de adulto em potencial; o velho expressaria aquele que já foi adulto. Por associação, a categoria “homem do campo” carregaria a ideia da falta de urbanidade, tomando aqui o fato de morar na cidade como um valor social mais elevado (BOURDIEU, 2006).

Tais definições foram conduzidas, até certo tempo atrás, como tentativas de

submeter determinados grupos sociais aos segmentos dominantes da sociedade. Com efeito, tais caracterizações vêm perdendo espaço, dando lugar a conceituações que caminham na direção de incorporar essas categorias à sociedade mais ampla.

É precisamente a partir de tais mudanças que passaremos a considerar a juventude rural que está inserida no espaço escolar do IFNMG. De resto há uma dupla incorporação: primeiro como parte da juventude, de modo mais amplo; segundo, como parte do universo urbano.

4.5 Projeto familiar e campo de possibilidades

A carreira trilhada pelo jovem rural não deve ser vista como um processo independente do restante de sua vida social, principalmente da vida no grupo familiar. A família é o primeiro e, talvez, o mais importante grupo de relações primárias do indivíduo e interfere diretamente no projeto de vida do jovem rural. A família cria expectativas e traça alguns projetos de vida para os filhos, tanto é assim que, conforme relatos dos alunos, a vida para o IF foi mais um projeto da família, do que do próprio aluno, que muitas vezes desconhecia a existência dos cursos que escolheu. De fato, tratando-se de alunos muito novos que chegam ao IF (em torno de 14/15 anos), muitas vezes a escolha do curso é apontada pelos pais. Não obstante, não raras vezes, esse projeto familiar é abandonado. Um exemplo desse rompimento do projeto familiar pode ser encontrado na fala de uma aluna:

Eu, assim, sempre eu levava os sonhos da minha irmã como os meus. Aí sempre minha irmã teve o sonho de ser médica, de fazer Medicina. Eu também falava assim: “eu também vou fazer faculdade de Medicina”. Só que quando eu vim pra cá, eu percebi que eu não tenho assim uma... uma área assim... específica pra mim seguir. Tanto é que até hoje não decidi que faculdade que eu vou fazer, assim, alguma coisa. (...) (Aluna 6. Informação verbal).

Ou passar a existir, com autonomia própria. É o que relata uma aluna.

(...) porque tanto é que quando eu saí de casa, eu nem pensava em que faculdade que eu ia fazer. Aí (...) tanto é que quando eu vim, eu nem sabia o que que era Agroindústria. Aí depois que eu passei a conhecer o curso... aí eu interessei e agora eu tô pensando em fazer Agronomia. (Aluna 1. Informação verbal).

Ou ainda ser alterado, como relata outra entrevistada:

(...) porque tanto é que quando eu saí de casa, eu nem pensava em que faculdade que eu ia fazer. Aí (...) tanto é que quando eu vim, eu nem sabia o que que era Agroindústria. Aí depois que eu passei a conhecer o curso... aí eu interessei e agora eu tô pensando em fazer Agronomia. (Aluna 1. Informação verbal).

O campo de possibilidades do jovem rural é influenciado por uma infinidade de fatores que serão decisivos no seu futuro. A medida que o jovem vai conhecendo novas pessoas, novos lugares e novos hábitos, abre-se um leque de alternativas orientadas pelos novos valores sócio-culturais do mesmo. Durham (1984) em um estudo sobre o migrante rural, oferece uma importante pista para compreender os processos sociais que ali estão envolvidos. Tomaremos a sua contribuição, já que, instiga também a considerar a situação dos jovens da zona rural inseridos no IFNMG. O que a autora menciona quanto ao rearranjo profissional, *mutatis mutandis*, pode ser também associado aos projetos de vida dos jovens estudantes rurais.

(...) Para uma população originária de uma sociedade de horizontes tão restritos, a migração representa, frequentemente, um enriquecimento da experiência e da personalidade. (...) vê-se que as opções que se realizam envolvem frequentemente uma redefinição ou rearranjo de valores (...). O jogo de valores diferentes provoca uma ambivalência na avaliação de qualquer ocupação particular e acarreta uma extraordinária mobilidade ocupacional que pode ser vista como tentativas de conciliar valores em conflitos. (DURHAM, 1984, p. 139 e 175).

Conforme dados da pesquisa, verificamos que 24% dos jovens rurais do IF não tinham nenhum projeto quando ingressaram no Instituto, e ainda não possuem. Por outro lado, 36% dos entrevistados mudaram seus projetos após sua chegada no Instituto, como pudemos exemplificar anteriormente em trechos da entrevista, e 40% deles ainda mantêm seus projetos.

Outros dados da pesquisa são interessantes para nos levar a pensar sobre o papel das relações sociais para a confluência de novos projetos de vida.

Esse interesse em mudar a trajetória de vida, após a vivência no IF apareceu em alguns momentos da entrevista. Citemos o seguinte trecho:

(...) agora a vontade de sair pra fora, pra lugares maiores e tal Quero sair pra fora. Quero voltar a morar onde eu moro lá não. Quero sair pra fora. Ah cara! Conhecer gente nova. Trabalhar e tal, estudar lá fora... As oportunidades tão lá fora. Então dá vontade de sair. (Aluno 3. Informação verbal).

Essa fala corrobora algumas perspectivas que os alunos traçaram como objetivos

a médio prazo (após a conclusão do curso técnico). Conforme a pesquisa, aproximadamente 65% dos alunos da zona rural pretende ingressar no Ensino Superior nas cidades grandes. 22% pretende ingressar no Superior, mas na região mesmo. A perspectiva de um retorno imediato à zona rural, isto é, após a conclusão do curso técnico, é de apenas 2%, outros 7% correspondem àqueles que pretendem procurar trabalho, mas nas cidades próximas à sua região de origem.

4.6 Como é encontro do jovem rural com o *campus*?

A chegada do jovem rural ao Instituto é sempre marcada pela timidez frente a um ambiente que lhe é pouco familiar. Para muitos é o primeiro contato mais intenso com um meio urbano (uns há pouco tempo nem sabiam da existência do Instituto e outros nunca tinha vindo à cidade) e a quantidade de pessoas, lugares e possibilidades desconhecidas faz o imaginário do jovem. Duas alunas nos contam isso em entrevista:

[eu vim] pra cá de acidente mesmo. Não, não conhecia ninguém. Tanto é que por isso que eu achei difícil. Só eu vim de Nova Aurora pra cá. Aí é ruim, assim.. Quando cê tem uma pessoa que vem com o cê, aí é bom. Agora, agora quando cê vem sozinha(...). Tanto é que eu nem... Eu acho que eu nunca tinha vindo aqui em Salinas. Eu vim foi depois que minha irmã veio estudar aqui. Aí eu peguei e vim... mas eu nunca tinha visto (...). [e quanto ao IFNMG] nem sabia que existia. (...) não conhecia ninguém. (Aluna 1. Informação verbal).

Para o jovem rural seu primeiro grupo de relações quando chega ao Instituto logo é a família e os conterrâneos que também participam do ambiente escolar. Alguns possuem parentes e/ou amigos que já estudam na instituição, outros vêm acompanhados de irmãos, ou primos ou algum outro jovem da mesma comunidade rural. Esse grupo de relacionamento inicial é importante para facilitar a integração do migrante no meio urbano, além de funcionar como intermédio entre o jovem e a sociedade. A passagem para o ambiente urbano requer a aprendizagem de novos padrões e valores sociais, e a falta de relações com outras pessoas na chegada ao Instituto dificulta ainda mais a incorporação desses novos aspectos. Esse impacto é sentido sobretudo nas primeiras semanas do aluno. Longe de sua família, o relato sobre a sensação de desamparo e a saudade pesam muito, conforme relato que ora produzimos.

Desde o primeiro dia que eu vim fazer a matrícula já fiquei assim, pensando: “ah eu vou desistir... eu não vou conseguir entrar aqui porque...”. Eu já tinha a primeira impressão... “vou ficar longe... não conheço ninguém...”. (...) na semana seguinte foi pior ainda. (...) foi muito difícil a distância dos pais. (...). Mas depois a gente foi acostumando. Não que a gente deixa, assim, de sentir saudade de lá, mas a gente vai se adaptando aqui, vai criando laços, assim, de amizade. (...). As pessoas, mesmo da república (...) mesmo vai virando nossa família..Vai assim, ajudando.... (Aluna 6. Informação verbal).

Mas também pesa, positivamente, a tão aguardada oportunidade de estudar no IFNMG. Muitos relatam a sensação de ansiedade, misturada, muitas vezes com a sensação de mudança de vida. Vejamos a fala de um aluno.

(...). Então a gente já fica bem ansioso na chegada aqui. Vir pra cá, conhecer novas pessoas (...) foi bem esperado por mim. (...) Mas teve algumas diferenças...Igual eu te falei que lá em casa não ia ninguém. Aí a gente vem pra cá... É acostumado dormir cedo [na roça], hoje [no Internato] agora dez horas é cedo pra gente. Lá é oito horas a gente tava dormindo. Então tem algumas mudanças, mas a gente se adapta com o tempo. (Aluno 5. Informação verbal).

E também na fala de uma aluna:

Ah, foi uma maravilha, né?Mas depois que a gente vai acordar. para ver como é que é de verdade. Vê que é puxado. Vê que tem que se dedicar bastante e mais um pouco. Mas os primeiros dias, quando a gente ainda tava se acostumando com a rotina, era tudo novidade. Era muito bom. (Aluna 2. Informação verbal).

4.7 Sociabilidade dos jovens rurais num ambiente urbano.

Há algum tempo atrás a figura do homem rural era a do típico caipira. Tal tipo social foi imortalizado nas telas de cinema como o Mazzaroppi, figura esta que remetia a outro personagem caipira, Pedro Malazartes, caipira Tais figuras pitorescas, a despeito de ainda impregnarem o repertório cinematográfico nacional, são figuras que representam um tipo que não existe mais, ou seja, o caipira propriamente dito.

O mundo rural de hoje já não é tão homogêneo. Ele é recortado por uma miríade de processos associados à própria dinâmica capitalista que interpenetrou o campo de diversas formas. Em termos culturais, hoje, a “roça” não existe mais, não no sentido de uma homogeneidade cultural do campo. Carneiro (1998) sugere precisamente esta condição. Segundo ela, o rural tem sido transformado “em um espaço cada vez mais

heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola” (CARNEIRO, 1998, p. 95).

Silva Junior (2012), em recente estudo comparativo entre jovens estudantes do meio rural e jovens do meio urbano, sugere precisamente que o contexto do século XXI tem indicado uma ruptura que outrora existia entre os dois universos – o rural e o urbano. Isso repercute na forma de vivenciar os próprios espaços escolares.

A propósito desta aproximação, podemos citar os dados de nossa pesquisa que apontam a falta de acesso aos meios de comunicação na zona rural. Alguns dos jovens entrevistados apontaram inclusive a utilização de redes sociais como parte de suas rotinas diárias no *Campus*. De fato eles não são indiferentes ao repertório tecnológico que ganha a cena no contexto de suas vidas. Participam das redes sociais, portam celulares, comunicam-se via Internet. Através da disseminação dos meios de comunicação de massa eles participam de um mundo cada vez mais conectado. Esses jovens rurais estão associados, de certa forma, à própria ideia de aproximação dos dois segmentos juvenis – o rural e o urbano – ou mais precisamente das culturas juvenis. À propósito, Feixa (1999) sugere que as culturas juvenis, embora sejam fenômenos metropolitanos, a partir dos meios de comunicação de massa, tendem a se disseminar.

As culturas juvenis são vistas historicamente como um fenômeno essencialmente urbano, mais precisamente metropolitano. (...). Na medida em que os circuitos de comunicação juvenil são de caráter universal – meios de comunicação, rock, moda –, que existem problemas como o desemprego que afeta aos jovens de diversas zonas, a difusão das culturas juvenis tende a transcender as divisões rural/urbano/metropolitano. Isto não significa que se dê o mesmo tipo de grupos em um pequeno povoado, em uma capital ou de uma grande cidade, nem que ser punk signifique o mesmo em cada um desses territórios. (FEIXA, 1999, p. 96, tradução nossa)

Os estilos tendem a intercambiar-se, ao ponto de vermos os mesmos jovens rurais “curtindo música” propriamente das metrópoles. Para exemplificar esse intercâmbio, destacamos o seguinte trecho da entrevista:

ah cara, sou bem eclético. Eu não tenho esse preconceito com música não. Se for numa festa o que tiver tocando, tá bom. [se fosse escolher as três músicas da parada, escolheria] Forró, Axé e (...) um Rock. (Aluno 3. Informação verbal).

Para isso um punhado de fatores, dentre os quais poderíamos mencionar a introdução dos meios de comunicação nas mais longínquas comunidades rurais. De

forma breve poderíamos dizer que o urbano atravessa a condição rural por diversos caminhos. Não é nosso propósito aprofundar essa importante discussão, aqui neste texto. Não obstante, no que diz respeito à questão da juventude rural, poderíamos dizer que é ela quem mais absorve os elementos advindos da cultura urbana. Enquanto os adultos - e em especial os homens, conforme indica Bourdieu (2006) – sejam mais refratários a absorver os elementos associados à cultura urbana, os jovens rurais buscam tais elementos, até como forma de se igualar num ambiente cada vez mais globalizado.

A propósito de tal constatação, notamos que as diferenças entre juventude urbana e juventude rural não são visíveis, à primeira vista, quanto aos alunos estudados. Menezes (2012, p. 2), sugere esta mudança:

Com a perda de nitidez dos contornos entre o urbano e o rural e maior facilidade de comunicação, acesso a bens, serviços e valores urbanos, os moradores do campo, sobretudo os mais jovens, parecem já não ter tão forte a referência do sistema cultural que definia sua identidade tradicional e, diante deste quadro, imaginário e preferência dessa população são redefinidos.

Tal perda de nitidez aparece nas falas dos alunos e também dos servidores do *Campus*. Em conversa com a equipe de Assistência ao Educando, constatamos que para os servidores não existe diferenças marcantes entre os alunos da zona rural ou alunos do meio urbano. De fato o próprio uniforme escolar, que literalmente uniformiza – pelo menos visualmente – os alunos de diversas condições sociais, além dos adereços que geralmente são adotados pelos alunos urbanos como forma de distinção sobre o uniforme, têm sido utilizadas pelos alunos do meio rural, como forma de equiparação, ou seja, como forma de compensação em relação à cultura urbana. Assim, quando os alunos do meio urbano utilizam adereços para “sair do padrão”, utilizam adereços próprios do meio urbano, mas reordenando seus significados, como forma de ser diferente.

Já os alunos do meio rural, ao contrário, não lançam mão de adereços que remetam à sua condição rural (como vestes, sapatos ou outros). Os alunos do meio rural adotam signos culturais do urbano para se tornarem “mais um no meio”. Daí a dificuldade, por parte de quem observa, de identificar, numa visão panorâmica, quais são os alunos do meio rural, quando imersos no ambiente escolar.

4.8 Os trotes.

Aqui não poderíamos de deixar de fazer algumas considerações sobre o trote, um ritual de passagem que tem sido considerado pelos alunos como um certa “tradição” desde tempos remotos da antiga Escola Agrotécnica e que persiste, embora de forma atenuada. Segundo ex-alunos, nos primórdios da instituição a prática do trote assumia um caráter verdadeiramente violento. Existem histórias, contada entre os internos e antigos servidores, dando conta de que, no passado, alguns alunos já se feriram gravemente durante algum trote. Alguns veteranos já passaram por isso e, como todo rito de passagem, chega a vez deles aplicarem também. É verdade que os trotes no passado eram assustadores e a antiga Escola Agrotécnica ficou conhecida também pela intensidade dos trotes. Com efeito, ainda há trotes, embora em grau menor. As novas gerações e o espírito inovador incorporado à idéia de Instituto Federal parecem estar conduzindo para a redução dos mesmos. Nos últimos anos os trotes praticamente desapareceram, muito embora, em alguma medida exista alguma forma de segregação entre as turmas e até alguma forma de “calourada”, interpretada como a recepção dos internos.

Em função destes acontecimentos, a primeira semana do jovem estudante é marcada pela ansiedade. Conforme salienta uma profissional do setor de Assistência ao Educando, muitos alunos chegam ao setor assustados, chorando e pedindo para voltarem para casa. Esse receio aparece na fala de um entrevistado.

Aí foi mudando tudo.. Aí (...) falaram que ia passar trote. Aí todo mundo ficou com medo desse negócio de trote, mas depois acostumou (...).(Aluno 4. Informação verbal).

Atualmente, um trote comum, é o trote da “padrinagem”, quando os alunos veteranos saem pelo *campus* gritando a tradicional pergunta “é ou não é?” aos novatos, no intuito de saber quem serão seus “afilhados”. Os “padrinhos”, que são os alunos do Terceiro Ano, se propõem a defender um aluno que é tomado como seu afilhado. Esse apadrinhamento geralmente é seguido da escolha de um apelido para o escolhido. A própria figura de um padrinho se dá entre os veteranos e considerados de maior “moral”. Ao “apadrinhar” e apelidar um aluno novato, um veterano assume a responsabilidade pela interação desse com outros alunos veteranos, levando-o sob sua proteção, para os diversos cenários sociais da vida no internato, inclusive festas que ocorrem na cidade.

Importa fazer um vínculo com o assunto que estamos tratando aqui, ou seja, quanto à inserção do jovem do meio rural. É através deste rito de passagem produzido

pelos alunos e muitas vezes à revelia da própria instituição, que os alunos rurais acabam se inserindo na rotina do *campus*. Trata-se, notemos bem, de uma criação particular dos alunos, cuja simbologia vem sendo também negociada e transmitida entre eles, de ano a ano. É por meio dessa “padrinhagem” que se transmite a cultura vigente ao novo aluno, e esta já encontrando-se carregada de características da vida urbana, contribui para a integração desse novo aluno no contexto social urbano, já que, em alguns casos, os alunos são introduzidos na rotina das festas que ocorrem na cidade. É o processo de “enturmação” que ocorre nos espaços e tempos intersticiais da vida escolar, conforme destaca Dayrell (2007).

Como explicar os trotes à luz da sociologia? Qual o seu papel?

A seguir as pistas de Elias (2000), poderíamos conduzir nossa análise para o fato de que os grupos “estabelecidos” ou seja, os alunos do 2º e 3º (veteranos), tendo incorporado os valores do universo urbano representado pela própria instituição, além da própria linguagem urbana associada às festividades e a “rua”, como é conhecida a cidade, agem como grupo mais ou menos coeso, enquanto os alunos do primeiro ano (novatos), ou seja, os “outsiders” não chegam ao IF em bloco, que em termos sociais estão pouco vinculados.

Mas o que esta forma de “interação” social tem a ver com os jovens rurais, já que o *Campus* é composto na sua maioria por jovens do universo urbano?

Diretamente pode parecer que não há relação. Todavia, o ritual de passagem remete à própria incorporação do “calouro” ao universo urbano, numa tentativa de marcar a posição dos incorporados que já falam a linguagem deste universo, contra aqueles que são considerados menos adaptados porque vieram da roça ou de lugarejos aos quais se associam a ideia de rural. Os mais “escolados” ou “veteranos”, mesmo que oriundos da zona rural, se denominam como “moral” porque se sentem mais habilitados com relação às regras e atributos do universo urbano, embutidos na prática do trote. Assim, o trote pode ser entendido como uma metáfora social da relação entre cultura rural e urbana que se estabelece no espaço do IF.

O tipo de socialização que os jovens são levados a concretizar, mais do que a escolarização propriamente dita, é significativa para a constituição desses sujeitos. É a partir da relação com a escola, como instituição (professores, serviço pedagógico, assistência ao aluno) e também dos relacionamentos entre amigos, que os alunos forjam suas identidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa está longe de ser conclusiva. Nossas expectativas são modestas, sem no entanto nos descurarmos das possibilidades de análise que a temática oferece.

Se a temática da juventude rural é ainda pouco estudada no âmbito das ciências sociais, a interseção entre juventude rural e Institutos Federais é ainda um campo relativamente inexplorado, não obstante a sua enorme relevância, dado que muitos deles lidam com juventude do meio rural. Um dos aspectos desta relação diz respeito à própria necessidade dos Institutos terem em conta o universo cultural dos jovens que integram a Rede Federal. Saber é uma forma de se apropriar das questões que envolvem os sujeitos compreendidos pela instituição. É a partir do conhecimento que se tem em relação às culturas dos jovens rurais, por exemplo, que é possível pensar estratégias para pensar em políticas públicas associadas a este universo.

Cientes desta preocupação, orientamo-nos no sentido de tentar compreender esse momento importante para a constituição da personalidade desses jovens rurais. Uma das primeiras constatações que tangenciamos ao longo de nossa pesquisa diz respeito ao propósito dos estudantes de colocarem como projeto de vida o retorno à zona rural. Entendemos que tal motivo precisa também ser buscado na própria inserção escolar e a socialização que o ambiente do IF proporciona. Não descurando da importância da temática da sucessão rural, percebemos que a análise do ponto de vista das culturas juvenis pode oferecer pistas importantes para se pensar alguns problemas atinentes à agricultura familiar, tendo como foco os próprios sujeitos jovens rurais.

E quais são as considerações dos alunos quanto ao mundo rural?

Esta é uma das questões intrigante. A resposta previsível convergiria para uma rejeição do mundo rural, já que uma parte considerável de estudantes (aproximadamente 57%) afirma que talvez volte para o campo, mas antes pretende viver e trabalhar na cidade. Quanto às considerações sobre a vida na zona rural, é verdade que consideram as dificuldades de acesso, a falta de canais de comunicação (para o acesso à Internet, por exemplo) e serviços de saúde. Não obstante, essa rejeição não condiz com as imagens que eles têm sobre a vida no campo. As imagens são associadas à paz, sossego e amizade, geralmente acompanhadas de uma sensação de alegria.

Estas considerações não ficaram somente no âmbito do questionário. Elas apareceram na entrevista quando o aluno disse: *tenho o maior orgulho de morar na roça.*

Também apareceram em outra oportunidade, quando da elaboração de memoriais com alunos do 2º ano do Ensino Médio. Neste momento verificou-se que os alunos referem-se à vivência no mundo rural, enfatizando noções sobre brincadeiras, a dimensão espaço-temporal, além das práticas sociais do seu grupo, donde as festas apresentam dimensão significativa. Destarte, umas possibilidades de futuras pesquisas seria traçar o perfil do jovem rural, com suas angústias, inquietações e, sobretudo, sua forma de viver, tomando como legítimas suas formas de representar o mundo natural. Além disto, tem-se a questão da sociabilidade no meio rural, fato por si rico e que carece de pesquisas também.

Estas análises poderão ser fundamentais para se constituir no *Campus* um olhar diferenciado quanto à formação destes alunos. Pensamos que a própria dinâmica dos cursos técnicos, da forma como vem sendo aplicada, não se atenta para a importância de fixar o homem no campo. Talvez o que ocorre seja a instituição funcionar como um trampolim para os jovens rurais saírem efetivamente do campo, dado que o corpo de professores, além do próprio conteúdo centrado na linguagem urbana, acaba por reforçar o princípio de que a cidade seria o fim mais acolhedor para aquele jovem.

Dessa maneira o Instituto se mostra um grande laboratório, um campo de pesquisa repleto de fontes para o estudo das condições sócio-culturais daqueles estudantes que vêm do meio rural, sendo possível buscar compreender os demais fatores que contribuem para essa migração campo-cidade, assim como as condições, perspectivas e dificuldades encontradas pelos alunos tanto dentro do âmbito escolar como em suas moradias na zona rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre.

Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba. n.26, jun.2006, p.83-92.

BRASIL. Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909. **Crêa nas capitães dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito**. Rio de Janeiro, 1909. Disponível em:

<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas>>. Acesso em: 07 maio 2013.

_____. Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Brasília, 2008. Disponível

em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892 .htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)>. Acesso em: 03 fev. 2011.

_____. Lei n. 9.394/96 **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2011.

CASTRO, Elisa Guaraná. Os jovens estão indo embora? – relações de hierarquia e disputa nas construções da categoria juventude rural. In: COSTA, Sérgio; SANGMEISTER, Hartmut, STECKBAUER, Sonja (orgs.). **O Brasil na América Latina: interações, percepções, interdependências**. São Paulo: Annablume, 2008.

CASTRO, Elisa Guaraná [et. al.]. **Os jovens estão indo embora: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

DALFOVO, M; LANA, R; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 30, dez. 1999.

DAYRELL, Juarez Dayrell. REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio. **Anais do XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia**, Recife (PE), maio de 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DUHRAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, Bandas y Tribus**. Antropologia de la juventud. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, Fernanda B. G.; SILVA, Kátia A. C. P. C. da. **As licenciaturas nos Institutos Federais: concepções e pressupostos**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO-EDIPE 4., 2011. **Anais...** Disponível em: <<http://www.cep.ed.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/40-164-2-SP.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

MAFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MANNHEIM, Karl. MERTON, Robert K. WRIGHT MILLS, C. **Sociologia do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MENEZES, Isabela Gonçalves de. Jovens rurais estudantes em escolas urbanas: mudanças pessoais e identidades em (des)construção. **Anais do XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste – Pré-ALAS Brasil**. 04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 2000.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PACHECO, Eliezer (Org.). **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Brasília: SETEC/MEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841>. Acesso em: 15 out. 2012.

SANTOS, Nelma Ferreira dos. **A formação inicial de professores de física em Centros Federais de Educação Tecnológica : Contribuições e Críticas**. 2004. 141f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da Silva. **Identidade e consciência história de jovens estudantes e professores de história: um estudo em escolas no meio rural e urbano**. 2012. 340f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.